

Consulta, saída para ir ao FMI

Bresser diz que consultará a sociedade e o presidente Sarney antes de fechar qualquer acordo com o Fundo

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, afirmou ontem na capital norte-americana, que consultará o presidente José Sarney e a sociedade brasileira antes de fechar qualquer novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Ele enfatizou também que considera o acordo com os bancos credores privados "um assunto independente", que não pode ser condicionado a nenhum entendimento prévio com as autoridades do FMI.

Quando desembarcou em Washington, o ministro Bresser Pereira foi tranquilizado por seu representante no FMI, Alexandre Kafka, que foi esperá-lo no aeroporto: "A coisa está serena". Era uma referência ao relatório sobre a economia do Brasil, "talvez favorável", que já estaria concluído, e que é considerado crucial para o acerto com o Clube de Paris e para a obtenção de dinheiro novo oferecido pelo Japão.

No final da manhã, já na Embaixada do Brasil, em seu primeiro encontro com a imprensa, o ministro Bresser Pereira confirmaria que "o nosso objetivo é acabar com a moratória", acrescentando: "Antes, queremos um acordo com os bancos. O FMI depois, porque queremos dinheiro dos japoneses, fora a retomada das negociações com o Clube de Paris.

"O recurso do fundo não é essencial para nós. Se vier, e não queremos muito dinheiro, será para aumentar reservas. Mas o que der não poderá ser em detrimento dos bancos. Não tem isso de os bancos darem tanto e



AP

No BID, Bresser Pereira foi recebido por Ortiz Mena

o fundo, outro tanto. Se o FMI não nos fizer nenhum empréstimo, não teremos uma perda de reserva", ele continuou falando, sobre o FMI. O ministro estava explicando que "processo de dinheiro novo é processo de capitalização", e que o Brasil está precisando de US\$ 4,3 bilhões para este ano, "tendo pago US\$ 1,8 bilhão em janeiro e fevereiro". Um repórter o interrompeu para lhe perguntar: "E se para levantar este dinheiro os bancos exigirem que o Brasil vá ao Fundo"?

— "Então, terão que esperar. Vão esperar até que mudem de idéia", e sorriu, irônico.

"Não há posição fechada. Mais adiante, talvez, vou discutir de novo o assunto (a posição sobre o FMI) com o presidente Sarney e a sociedade brasileira. Hoje, não. Hoje, um acordo *stand-by* seria um absurdo. Mais tarde, poderá ser útil. Desco-

nectado dos bancos, mas ligado aos japoneses" — e aqui, novamente, o ministro relacionou um acordo com o FMI à oferta de empréstimos gerados pelo superávit comercial japonês.

O ministro Bresser Pereira está comparando a sua primeira visita aos Estados Unidos, após ter assumido o cargo, como "um processo de estabelecer relações com a comunidade financeira internacional". Um banqueiro concordou com ele, falando ao *The Wall Street Journal* de ontem: "Não é o recomeço das negociações, mas o reinício das relações", disse Terence C. Canavan, vice-presidente executivo do Chemical New York.

Partindo para sua maratona de encontros em Washington, que está batendo um recorde de calor, com a temperatura alcançando os 40 graus com muita humidade, o ministro

Bresser Pereira prometeu: "Vamos fazer o acompanhamento do plano de forma pública. Nada teremos a esconder". Fixou um objetivo: o de estabelecer uma data para o início das negociações, e que poderá ser "quando eles quiserem". O Brasil teria sua proposta pronta, e se ela puder abrir caminho com o sinal verde do FMI, "tanto melhor". Brincando, ele perguntou: — Eles estão com pressa? referindo-se aos banqueiros, num momento em que a indústria bancária norte-americana está registrando uma perda de cerca de US\$ 15 bilhões, neste segundo trimestre, por causa das reservas que tiveram de criar para cobrir eventuais prejuízos com empréstimos aos países em desenvolvimento, especialmente o Brasil.

A primeira visita do ministro Bresser Pereira foi a "don" Antônio Ortiz Mena, presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), onde o Brasil tem um fluxo negativo de US\$ 180 milhões.

Bresser, depois, foi visitar o senador Bill Bradley, democrata por New Jersey, que lhe teria feito algumas sugestões para a renegociação da dívida.

O programa de hoje do ministro Bresser Pereira inclui três de seus encontros mais importantes de toda a visita: Michel Camdessus, o diretor-geral do FMI, James Baker, o secretário do Tesouro, e Paul Volcker, o presidente do Federal Reserve.

O ministro confidenciou que obteve algum tempo extra para visitar o homem que vai substituir o "sr. dólar", como Volcker é conhecido, o economista Alan Greenspan. A noite ele viaja para Nova York.